

Handroanthus albus (Cham.) Mattos

(ipê amarelo, ipê da serra, ipê dourado)

Família: Bignoniaceae

Sinônimos: *Tabebuia alba*, *Tecoma alba*

Endêmica: não³

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado, Mata Atlântica³

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

O ipê-da-serra é uma das árvores mais ornamentais, tanto pelo exuberante florescimento como por sua folhagem prateada quando recém brotada. É uma espécie caducifolia (que perde suas folhas no inverno), com altura variável de até 30 metros, tronco reto a levemente tortuoso, casca espessa de coloração acinzentada e fissuras no sentido vertical. É encontrada em diversos tipos de ambiente mas principalmente em solos úmidos e profundos. Suas flores se destacam pela cor amarelo ouro e são comestíveis quando maduras. Sua madeira é densa, de alta durabilidade e pode ser empregada na construção civil, marcenaria, carpintaria e no paisagismo em geral.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (dormentes, mourões, tabuados, tacos, vigas, lenha, carpintaria e marcenaria, tonéis), produtos não madeireiros (alimentação humana, apícola, medicinal, ornamental)^{4,2}

Características gerais

Porte: altura 3.0-30.0m DAP 20-80cm^{1,4,2}

Cor da floração: amarela^{1,2}

Flores amarelo douradas, amarelo ouro.

Velocidade de desenvolvimento: Lenta²

Persistência foliar: Decídua^{2,4,1}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Globosa²

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto, Levemente tortuoso²

Superfície do tronco: Fissurada^{1,2}

Tipo de fruto: Seco deiscente (Sílqua)^{1,2}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim²

Pragas e doenças: Insetos pertencentes às ordens Hymenoptera, Hemiptera, Diptera e Coleoptera foram encontrados associados às folhas deformadas. A espécie *Trioza tabebuiae* (Hemiptera: Psylloidea) foi constatada como responsável pelo enrolamento do lombo foliar do ipê (SANTANA et al., 2005). Também foi observada *Sitophilus linearis* (Coleoptera: Curculionidae), em vagens, danificando as sementes do ipê amarelo (ZIDKO, 2002).^{5,6}

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: -

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial^{1,7}

Polinizadores: Provavelmente pela abelha mamangava (*Bombus morio*).²

Período de floração: agosto a outubro²

Tipo de dispersão: Anemocórica^{7,2}

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: outubro a junho^{1,4}

Frutos de outubro a novembro (LORENZI, 2002); de outubro a junho (BACKES; IRGANG, 2004).

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{4,2}

Os frutos devem ser coletados antes da abertura espontânea, para evitar a perda de sementes. Após a coleta, os frutos devem permanecer em ambiente ventilado para a extração manual das sementes (CARVALHO, 2003). Colher os frutos quando iniciarem abertura espontânea e deixá-los ao sol para completarem a liberação das sementes (LORENZI, 2002).

Tipo de semente: Ortodoxa⁸

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento²

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais^{2,1}

A semeadura deve ser realizada até 7 dias após a colheita das sementes diretamente em canteiros ou recipientes individuais (BACKES; IRGANG, 2004). A repicagem das mudas deve ocorrer 2 a 3 semanas após a germinação nos canteiros para sacos de polietileno com no mínimo 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro ou em tubetes grandes (CARVALHO, 2003).

Tempo de germinação: 5 a 40 dias^{4,2}

Taxa de germinação: 80 a 100%^{2,4}

Número de sementes por peso: 66000/kg^{9,4}

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{4,2}

Bibliografia

¹ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

² CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

³ LOHMANN, L. G. Bignoniaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2013.

⁴ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁵ ZIDKO, A. Coleópteros (Insecta) associados às estruturas reprodutivas de espécies florestais arbóreas nativas no Estado de São Paulo. 2002. 43 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba. 2002.

⁶ SANTANA, D. L. de Q.; AUER, C. G.; ROCHA, A. L. J. L.; MARQUES, E. Insetos associados ao enrolamento foliar de *Tabebuia* spp. em viveiros e na arborização urbana de Curitiba. Boletim de Pesquisa Florestal, Colombo, n. 50, p. 117-126, jan./jun. 2005.

⁷ CATHARINO, E. L. M.; BERNACCI, L. C.; FRANCO, G. A. D. C.; DURIGAN, G.; METZGER, J. P. Aspectos da composição e diversidade do componente arbóreo das florestas da Reserva Florestal do Morro Grande, Cotia, SP. Biota Neotropica, Campinas, v. 6, n. 2, 2006.

⁸ MEDEIROS, A. C. S.; EIRA, M. T. S. Comportamento fisiológico, secagem e armazenamento de sementes florestais nativas. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 13 p. (Circular Técnica, 127).

⁹ DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.